

# Sobre a semântica dos tempos do conjuntivo

*Rui Marques*

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa<sup>1</sup>

## Abstract

This paper investigates the semantics and pragmatics of the Portuguese subjunctive affixes (usually called ‘subjunctive tenses’). Traditionally, such morphemes are seen as tense operators. However, evidence is presented here against the view that they express merely temporal information. The overall proposal (formulated in the framework of possible worlds semantics) is that subjunctive affixes point to ordered pairs formed by possible worlds and time intervals. In the final part of the paper, the temporal interpretation of subjunctive temporal clauses is taken into account, the observation being made that the posteriority reading that necessarily arises in these clauses follows from the semantics of the subjunctive mood together with the kind of modal base selected by the temporal connectors.

**Keywords:** subjunctive tenses, temporal clauses, presupposition.

**Palavras-chave:** tempos do conjuntivo, orações temporais, pressuposição.

## 1 - Introdução

Grande parte da literatura sobre o modo verbal, quer em português quer noutras línguas, tem-se centrado na análise da oposição entre modos, com particular destaque para a oposição entre o conjuntivo e o indicativo. O estudo da diferença entre estes dois modos pode ser feito (e é-o normalmente) sem se ter em conta as várias formas (e.g. presente, pretérito imperfeito, futuro imperfeito) de cada um deles. Paralelamente, existe um corpo de literatura considerável sobre o significado associado às diferentes formas do modo indicativo, que não tem sido acompanhado por uma análise com a mesma profundidade

---

<sup>1</sup> Este trabalho insere-se no âmbito do Projecto, financiado pela FCT, “O Tempo e o Modo em Português” (PTDC/LIN/68463/2006).

do significado associado às formas do modo conjuntivo (designadas pela nomenclatura gramatical tradicional por “tempos do (modo) conjuntivo”). É sobre este assunto – o significado das diferentes formas do modo conjuntivo – que se debruça o presente trabalho.

O texto está organizado como se segue: na secção 2, descrevem-se as formas do conjuntivo em português; na secção 3, são apresentadas e comentadas duas ideias muito divulgadas relativas à informação expressa pelas formas do conjuntivo; na secção 4, sintetiza-se a informação temporal associada às diferentes formas do conjuntivo; finalmente, na secção 5, apresenta-se uma proposta alternativa para descrever o significado destas formas.

## 2 - Formas do conjuntivo em português

Em português o modo conjuntivo tem seis formas (ou tempos), cujas designações são indicadas na tabela I, acompanhadas de exemplos:

<b>Pretérito imperfeito</b>	<b>Presente</b>	<b>Futuro imperfeito</b>
‘falasse’	‘fale’	‘falar’
<b>Pretérito mais-que-perfeito (composto)</b>	<b>Pretérito perfeito (composto)</b>	<b>Futuro perfeito</b>
‘tivesse falado’	‘tenha falado’	‘tiver falado’

Tabela I – Formas do conjuntivo em Português

Como a tabela mostra, o conjuntivo em português tem três formas simples e três formas compostas. Na maioria das outras línguas românicas, o sistema do conjuntivo é mais simples, não existindo as formas correspondentes ao futuro (simples ou composto).

A análise do sistema do conjuntivo pode ser simplificada se para as formas compostas for assumido o tratamento proposto por Peres (1993) para as formas do indicativo, baseada na análise de Kamp e Reyle (1993) para o inglês. Resumidamente, a referida proposta defende que o significado veiculado pelas formas compostas é obtido composicionalmente. O particípio passado denota o estado consequente da situação descrita pelo predicado verbal e a desinência de tempo e modo do verbo auxiliar (presente, pretérito imperfeito ou futuro imperfeito) tem a mesma interpretação que a de qualquer outro verbo conjugado numa forma simples. Por exemplo, na sequência *tinha saído*, o particípio passado – *saído* – remete para o estado consequente de uma situação identificada por *sair* e o verbo auxiliar, flexionado no pretérito imperfeito (do indicativo), indica sobreposição temporal (desse estado consequente) a um ponto de perspectiva temporal passado (o tipo de informação a que está tipicamente associado o morfema de pretérito imperfeito). Por outras palavras, a forma *tinha saído* indica que num ponto do passado, identificado contextualmente, se verificava o estado consequente de (alguém) sair. A informação dada pela flexão do verbo auxiliar deste exemplo é idêntica à que

é dada por qualquer outro verbo flexionado no pretérito imperfeito do indicativo. Por exemplo, na expressão verbal *estava doente*, com uma forma verbal simples flexionada no pretérito imperfeito do indicativo, a informação veiculada é a de que num ponto do passado se verificava a situação de (alguém) estar doente. A proposta de análise de Peres (1993) consiste, pois, em associar às formas do verbo auxiliar que ocorrem nos tempos compostos a mesma informação que as formas simples de quaisquer outros verbos (associada à localização de um estado consequente)<sup>2</sup>.

Assumindo esta análise também para as formas compostas do conjuntivo, conclui-se que o pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo, o pretérito perfeito do conjuntivo e o futuro perfeito do conjuntivo veiculam a mesma informação que, respectivamente, o pretérito imperfeito do conjuntivo, o presente do conjuntivo, e o futuro imperfeito do conjuntivo, pelo que não há razão para se considerarem as formas compostas como tempos autónomos. Nesta perspectiva, o sistema do conjuntivo do português reduz-se a três formas: pretérito (imperfeito), presente e futuro (imperfeito).

### 3 - Assunções tradicionais

As designações das diferentes formas do conjuntivo – pretérito (imperfeito), presente, futuro (imperfeito) – sugerem que estas expressam informação de natureza temporal, à semelhança do que se verifica com as formas do indicativo. Esta relação entre formas do conjuntivo e informação temporal tem sido assumida como inquestionável, quer no que respeita ao português quer no que respeita às outras línguas românicas. De facto, embora não existam muitos estudos sobre o significado das diferentes formas do conjuntivo em línguas românicas, as duas ideias que se apresentam em seguida, em 3.1 e 3.2, estão bastante difundidas.

#### 3.1 - Os tempos do conjuntivo como tempos anafóricos

Uma proposta bastante divulgada, sobretudo em estudos de sintaxe generativa (cf., e.g., Picallo, 1984; Ambar, 1992), defende que os morfemas de conjuntivo são tempos dependentes, ligados pelo tempo da frase matriz. A favor desta proposta encontram-se dados como (1a) e (1b):

- (1) a. **O que mais quero** é que ele **acabe** / **\*acabasse** o curso.  
 b. Naquela altura, o que mais **queria** era que ele **acabasse** / **\*acabe** o curso.

---

<sup>2</sup> Por simplificação, ignoram-se aqui particularidades de algumas formas compostas, tais como o valor de iteração associado por vezes ao pretérito perfeito composto (do indicativo) em português (cf. Peres, 1993).

Dados como estes ilustram uma concordância de tempos entre a frase matriz e a subordinada. Em (1a), em que o verbo da frase matriz está flexionado no presente do indicativo, pode ocorrer na oração completiva o presente do conjuntivo, mas não o pretérito imperfeito do conjuntivo. Inversamente, em (1b), em que o verbo da frase matriz tem perspectiva temporal passada, na oração encaixada pode ocorrer o pretérito imperfeito do conjuntivo, mas não o presente do conjuntivo.

Por contraste com exemplos como (1a-b), em orações completivas com o indicativo não tem de existir concordância de tempos entre a frase matriz e a oração subordinada:

(2) a. **Sei** que ele **acaba** / **acabou** o curso.

b. Naquela altura, eu já **sabia** que ele **acaba** / **acabara** / **acabaria** o curso.

Como é proposto por diversos autores, estes dados podem ser explicados pela hipótese de que o conjuntivo é um tempo anafórico, ligado pelo tempo da frase matriz, enquanto o indicativo é um tempo independente.

Além de dar conta da concordância temporal que se observa em construções como (1a) e (1b), a hipótese de que os morfemas de conjuntivo são tempos anafóricos permite dar conta de outras questões, como o facto de, com predicados volitivos, o sujeito de orações completivas no conjuntivo não poder ter a mesma referência que o da frase matriz (cf., e.g., Ambar, 1992). No entanto, se bem que a hipótese em consideração seja atractiva quando se têm em conta orações completivas como em (1), encontram-se contra-argumentos à hipótese de que o conjuntivo é um tempo anafórico quando se observam outros tipos de construção.

Em primeiro lugar, o conjuntivo pode ocorrer em orações independentes, como mostram os seguintes exemplos:

(3) a. Talvez ele **estivesse** / **esteja** doente.

b. **Fosse** / **Seja** a Ana capaz de acabar o curso!

Neste tipo de construção, a hipótese de que o conjuntivo é um tempo anafórico ligado pelo tempo da frase matriz não parece sustentável, a menos que se assuma a existência de um predicado, não expresso, de que a oração com conjuntivo é complemento. No que respeita a (3a), pode-se manter a ideia de que o conjuntivo é um tempo anafórico, embora não seja obrigatoriamente ligado pela frase matriz, podendo ligar-se discursivamente. De facto, a frase (3a) com o pretérito imperfeito do conjuntivo só faz sentido num contexto em que esteja disponível no discurso um ponto de perspectiva temporal anterior ao tempo de enunciação. No entanto, no que respeita a (3b), mesmo com o pretérito imperfeito do conjuntivo, a frase pode ser asserida com naturalidade num contexto em que o único ponto de perspectiva temporal é o tempo de enunciação, por exemplo para expressar o desejo de que a Ana acabe o curso.

Em segundo lugar, em orações completivas com conjuntivo nem sempre existe concordância de tempos entre a oração subordinada e a frase matriz. Um exemplo claro deste facto é dado por orações completivas de verbos como *pedir*. Como observam, e.g., Comrie (1985), para o espanhol, e Oliveira (2003), para o português, se a frase com o verbo *pedir* identificar uma situação passada, na oração completiva deste verbo pode

ocorrer quer o pretérito imperfeito do conjuntivo quer o presente do conjuntivo (cf. (4a)). Além deste caso, há exemplos com outros verbos, como *esperar*, em que não se verifica concordância de tempos entre a frase matriz e a oração encaixada. Observe-se (4b), com o verbo da frase matriz flexionado no presente do indicativo e o da oração completiva flexionado no pretérito imperfeito do conjuntivo:

- (4) a. Ele **pediu** que lhe **telefonasses / telefones**.  
 b. [Fechei a porta, mas não verifiquei se as luzes estavam apagadas.] **Espero** que **estivessem**.

Finalmente, noutros tipos de orações subordinadas com conjuntivo pode não existir concordância de tempos entre frase matriz e frase subordinada (cf., e.g., Vogel, 1997). Vejam-se os seguintes exemplos, com orações subordinadas concessivas:

- (5) a. Naquela altura, **defendi** a proposta, embora actualmente **tenha** uma opinião diferente.  
 b. Agora acho que **tens** razão, embora antes eu **pensasse** de outra forma.

### 3.2 - Desinências temporo-modais do conjuntivo como localizadores temporais

A hipótese de que o conjuntivo é um tempo anafórico tem subjacente a ideia de que a diferença entre as várias formas deste modo é de natureza temporal. Assim, por exemplo, o pretérito imperfeito do conjuntivo tem perspectiva temporal passada, enquanto o presente do conjuntivo tem como ponto de perspectiva temporal o tempo de enunciação. Esta hipótese é consensual, mesmo entre autores que questionam a ideia de que o conjuntivo é um tempo anafórico, como Vogel (1997). No entanto, há diversas construções que levam a duvidar de que a oposição entre as diferentes formas do conjuntivo seja (pelo menos exclusivamente) de natureza temporal. De facto, como mostram os pares de exemplos que se seguem, em diferentes tipos de construção, pode ocorrer uma ou outra forma do conjuntivo sem que existam diferenças de interpretação temporal:

- (6) a. **Seja** ele capaz de acabar o curso!  
 b. **Fosse** ele capaz de acabar o curso!  
 (7) a. Com esta segurança, duvido que alguém **consiga** assaltar o edifício.  
 b. Com esta segurança, duvido que alguém **conseguisse** assaltar o edifício.  
 (8) a. Caso **tenhas** sede, podes beber água deste chafariz.  
 b. Caso **tivesses** sede, podias beber água deste chafariz.  
 (9) a. Com este barulho, por muito que **toques** à campainha, ele não te ouve.  
 b. Com este barulho, por muito que **tocasses** à campainha, ele não te ouvia.  
 (10) a. Com a distância que ela já leva, mesmo que **grites**, ela não te ouve.  
 b. Com a distância que ela já leva, mesmo que **gritasses**, ela não te ouvia.  
 (11) a. Com o frio que está, logo que **saias**, constipas-te.  
 b. Com o frio que está, logo que **saíesses**, constipavas-te.

- (12) a. Com esta tempestade, um barco que **esteja** no mar está em apuros.  
 b. Com esta tempestade, um barco que **estivesse** no mar estaria em apuros.

Em todos estes exemplos, o ponto de perspectiva temporal é o tempo de enunciação. A diferença entre o primeiro e o segundo membro de cada par prende-se com a consideração de hipóteses mais realistas ou menos realistas. Contrariamente ao que se verifica em casos como (5a) e (5b), a oposição entre o presente do conjuntivo e o pretérito imperfeito do conjuntivo não é de natureza temporal.

Laca (2007) considera construções do castelhano paralelas a (4b) e (6b) e defende que o facto de nestes casos o pretérito imperfeito do conjuntivo não ter perspectiva temporal passada não invalida que não seja esse o valor básico desta desinência do conjuntivo. De acordo com esta autora, o presente do conjuntivo tem como ponto de perspectiva o tempo de enunciação e o pretérito imperfeito do conjuntivo tem como ponto de perspectiva um momento passado. A autora afirma acerca de construções como (4b) e (6b) que esses casos “can be assimilated to the numerous instances of past tenses used for signaling counterfactuality or non-realistic modal bases (see Iatridou 2000)” (Laca, 2007, p. 5).

Se tivermos em conta línguas como o castelhano ou o francês, em que o sistema do conjuntivo tem apenas duas formas simples – o presente e o pretérito imperfeito –, a hipótese de Laca parece defensável. No entanto, o sistema do conjuntivo em português tem uma outra forma: o futuro (imperfeito). Assim, se a diferença entre as várias formas do conjuntivo é basicamente de natureza temporal (podendo pelo menos o pretérito imperfeito do conjuntivo ter valores não básicos), como é normalmente assumido, é de esperar que haja alguma diferença de interpretação temporal entre o futuro do conjuntivo e o presente do conjuntivo. Porém, a informação temporal associada às construções com o futuro do conjuntivo é idêntica à que se observa nas construções com o presente do conjuntivo. É o que mostram os dados que se seguem, em que se indica, à frente de cada exemplo, a relação temporal associada à forma verbal em negrito:

- (13) a. Telefona-me quando **chegares**. [posterioridade a  $t_0$ ]  
 b. Telefona-me logo que **chegues**. [*idem*]  
 (14) a. Telefona-me quando **estiveres** em casa. [*idem*]  
 b. Telefona-me logo que **estejas** em casa. [*idem*]  
 (15) a. Se **souberes** a resposta, é melhor dizeres já. [sobreposição a  $t_0$ ]<sup>3</sup>  
 b. Caso **saibas** a resposta, é melhor dizeres já. [*idem*]  
 (16) a. Se **quiseres** sair já, podes aproveitar a oportunidade. [sobreposição a  $t_0$ ]  
 b. Caso **quisesses** sair já, podias aproveitar a oportunidade. [*ib.*]  
 (17) a. Eles querem fotografar os navios que **estiverem** afundados no porto. [*ib.*]  
 b. Eles querem fotografar um navio que **esteja** afundado no porto. [*ib.*]

<sup>3</sup> Neste caso, como nos exemplos seguintes, o ponto de perspectiva temporal pode sempre ser  $t_0$ . Pode também ser um momento posterior a  $t_0$ , dado discursivamente ou por meio de adjuntos, mas nunca pode ser um momento anterior a  $t_0$ .

- (18) a. Entrevista as pessoas que **encontres** no caminho. [posterioridade a  $t_0$ ]  
 b. Entrevista uma pessoa que **encontres** no caminho. [*idem*]

Como estes dados evidenciam, quer o presente do conjuntivo quer o futuro do conjuntivo podem ter o tempo de enunciação ( $t_0$ ) como ponto de perspectiva temporal. Quanto à localização relativa, em orações temporais (cf. 13-14) é de posterioridade, enquanto em orações condicionais (cf. 15-16) ou relativas (cf. 17-18) é de sobreposição se o predicado for estativo e de posterioridade se for não estativo.

Assim, não parece verificar-se que entre o presente e o futuro do conjuntivo se estabeleça uma oposição de natureza temporal. Ambas as formas têm como ponto de perspectiva temporal o tempo de enunciação ou um momento posterior e a informação respeitante a localização relativa varia consoante o tipo de predicado e o tipo de construção, mas é independente da forma verbal.

#### 4 - Formas de conjuntivo e informação temporal – síntese

Os dados analisados nas secções precedentes permitem fazer as seguintes generalizações<sup>4</sup>:

(i) todas as formas de conjuntivo podem ocorrer em contextos em que o único ponto de perspectiva temporal é o tempo de enunciação (cf. (6)-(18));

(ii) o pretérito imperfeito do conjuntivo pode ter perspectiva temporal passada, contrariamente ao presente do conjuntivo e ao futuro do conjuntivo (cf. (1b));

(iii) com excepção das orações temporais e das completivas de verbos que impõem restrições temporais aos seus complementos (como *pedir*), a relação entre o estado de coisas descrito pela oração com conjuntivo e o ponto de perspectiva temporal é de sobreposição ou de posterioridade consoante o valor de estatividade do predicado (cf. 15-18);

(iv) em orações temporais, a leitura temporal é de posterioridade, independentemente de o predicado ser ou não ser estativo (cf. 13-14).

As duas últimas generalizações são ilustradas nos exemplos (13)-(18), com o presente e o futuro do conjuntivo, verificando-se também com o pretérito imperfeito do conjuntivo, como ilustram os exemplos que se seguem:

- (19) a. Se me **desses** uma ajuda, isto fazia-se depressa. [posterioridade a PPT]  
 b. Se ele **estivesse** em casa, podia abrir a porta. [sobreposição a PPT]  
 (20) a. Pedi-lhe que me telefonasse quando **chegasse**. [posterioridade a PPT]  
 b. Pedi-lhe que me telefonasse quando **estivesse** em casa. [*idem*]

Perante os dados apresentados, a assunção de que a diferença entre as formas do conjuntivo é (primariamente) de natureza temporal parece dificilmente sustentável.

<sup>4</sup> Cf. também Oliveira (2008).

## 5. Formas do conjuntivo como operadores modais

Face às evidências de que a oposição entre o pretérito (imperfeito) do conjuntivo, por um lado, e o presente e o futuro do conjuntivo, por outro, nem sempre é de natureza temporal e de que entre o presente e o futuro do conjuntivo não existe diferença de interpretação temporal, explorarei uma outra hipótese: a de que as formas do conjuntivo são operadores modais. Simplificadamente, a proposta é que as formas de conjuntivo têm a função de apontar para possibilidades a considerar no contexto de enunciação. O presente e o futuro do conjuntivo apontam para possibilidades em aberto neste contexto, pelo que são formas dêicticas, enquanto o pretérito imperfeito do conjuntivo aponta para outras possibilidades - possibilidades acessíveis a partir de um ponto do passado ou possibilidades que não estão presentes no contexto de enunciação.

Esta proposta será explicitada de seguida, tentando-se mostrar que a informação veiculada pelas diferentes formas do conjuntivo pode ser descrita mais satisfatoriamente no quadro de uma semântica de mundos possíveis do que se se tiver em conta apenas informação temporal. Antes, porém, é conveniente clarificar algumas assunções de partida:

- A: uma proposição denota um conjunto de mundos possíveis: o conjunto de mundos possíveis em que se verifica o estado de coisas descrito (cf., e.g., Kratzer, 1991; Portner, 2009; ...);
- B: a asserção de uma proposição é avaliada tendo por base um conjunto de mundos possíveis, normalmente designado por ‘base modal’ (cf., e.g., Kratzer, 1991), ou, em Giannakidou (1999), por modelo relativizado; na generalidade das frases, este conjunto é o *context set* – o conjunto das possibilidades que estão em aberto no contexto de enunciação –, em frases completivas é o conjunto de mundos possíveis introduzido pelo predicador (por exemplo, o verbo *sonhar* introduz o conjunto de mundos possíveis que correspondem aos sonhos da entidade referida pelo sujeito, o verbo *acreditar* introduz o conjunto de mundos possíveis que correspondem às suas crenças, etc.);
- C: os modos verbais (indicativo, conjuntivo, ...) apontam para a base modal considerada na interpretação da frase (cf., e.g., Giorgi e Pianesi, 1997; Portner, 1997, Laca, 2007;...); o indicativo indica que a proposição se verifica em todos os mundos possíveis considerados, enquanto o conjuntivo indica que há mundos possíveis na base modal em que o estado de coisas descrito não se verifica (cf., e.g., Giorgi e Pianesi, 1997; Laca, 2007; Marques, 2009 ...).

Sem alterar o espírito de qualquer destas assunções, proponho uma rectificação na última delas. Seguindo Portner (1997), a noção de ‘mundo possível’ é substituída pela noção de ‘situação possível’ como definida em Kratzer (1989). Simplificadamente, uma situação possível é uma parte de um mundo possível, sendo um mundo possível uma situação possível (a situação máxima), mas não o inverso. Com base nesta rectificação, a assunção C passa a ter a seguinte redacção:



C' os modos verbais apontam para situações possíveis, mais concretamente, para conjuntos de pares ordenados formados por mundos possíveis e intervalos de tempo. O indicativo assinala que o estado de coisas descrito se verifica em todas as situações possíveis consideradas<sup>5</sup> e o conjuntivo indica que não se verifica em todas elas<sup>6</sup>.

### 5.1 Oposição entre pretérito imperfeito e presente / futuro do conjuntivo

Em A-C' não é feita referência às diversas formas do modo indicativo ou conjuntivo, assumindo-se que se trata de asserções válidas independentemente da forma que um ou outro modo apresente em cada oração. Em particular, é assumido que na interpretação de uma oração com conjuntivo, independentemente do tempo do conjuntivo utilizado, se consideram situações possíveis em que o estado de coisas descrito não se verifica. Dadas as assunções explicitadas, particularmente C', formulo a proposta que se segue:

[1] O presente do conjuntivo e o futuro do conjuntivo impõem as seguintes restrições aos membros dos pares ordenados referidos em C':

os mundos possíveis pertencem ao *context set*;

os intervalos de tempo incluem  $t_0$ .

[2] O pretérito imperfeito do conjuntivo não impõe nenhuma destas restrições.

Com base nesta proposta, considere-se a oposição entre o pretérito imperfeito do conjuntivo, por um lado, e o presente e o futuro do conjuntivo, por outro. Como ficou visto acima e é evidenciado pelos dados que se seguem, estas duas últimas formas do conjuntivo podem ter como ponto de perspectiva temporal o tempo de enunciação ( $t_0$ ), mas não um ponto do passado. Por contraste, o ponto de perspectiva temporal para o pretérito imperfeito do conjuntivo pode ser anterior a  $t_0$ , tal como pode ser o tempo de enunciação (cf., respectivamente, (21a-b) e (22a)-(23b)):

(21) a. Naquela altura, eu não acreditava que ele **viesse** / **\*venha** / **\*vier**.

b. Com a tempestade que se abatia sobre toda a região, um barco que **estivesse** / **\*esteja** / **\*estiver** no mar não se salvava.

(22) a. Com este temporal, um barco que **esteja** no mar dificilmente se salva.<sup>7</sup>

b. Com este temporal, um barco que **estivesse** no mar não se salvava.

<sup>5</sup> Nesta afirmação, têm-se em conta apenas os valores básicos das formas de indicativo, não sendo considerados, por exemplo, valores modais do *futuro do indicativo*, como em *ele agora terá uns trinta anos*.

<sup>6</sup> Sobre a ocorrência do conjuntivo em orações completivas de predicados factivos, ver Marques 2009.

<sup>7</sup> O facto de na oração principal ocorrer o *condicional* ou o *pretérito imperfeito do indicativo* (com valor equivalente ao *condicional*) se na oração subordinada o verbo estiver flexionado no *pretérito imperfeito do conjuntivo*, é coerente com esta hipótese: com o *pretérito imperfeito do conjuntivo* consideram-se possibilidades que não pertencem ao *context set* e o *condicional* também não indica que a proposição se verifica no mundo real. Pelo contrário, com o *futuro* ou o *presente do conjuntivo*

- (23) a. Se ele **estiver** doente, já está em casa.  
 b. Se ele **estivesse** doente, já estaria em casa.

Estes dados são captados pela proposta apresentada em [1] e [2] acima. Começemos por considerar o facto de o presente e o futuro (imperfeito) do conjuntivo não poderem ter perspectiva temporal passada. De acordo com [1], o presente e o futuro do conjuntivo impõem a condição de que se considerem situações que incluam  $t_0$ . Uma vez que não há garantia de que um estado de coisas que se verificava no passado se continue a verificar no presente e vice-versa, em construções como (21a) ou (21b) o presente do conjuntivo e o futuro do conjuntivo não podem ocorrer porque haveria incompatibilidade entre a informação veiculada pela frase principal e a subordinada. Isto é, o verbo da frase principal tem como ponto de perspectiva temporal um tempo do passado e a oração subordinada com o presente ou o futuro levaria a que se considerassem situações possíveis que incluem o tempo de enunciação, mas que podem não se estender até ao intervalo de tempo relevante para a interpretação da frase principal<sup>8</sup>.

Nos casos em que o ponto de perspectiva temporal é  $t_0$ , como nas frases de (22) e (23), pode ocorrer quer o pretérito imperfeito do conjuntivo quer o presente ou o futuro do conjuntivo. Ainda assim, estas formas não estão em variação livre. De facto, embora seja possível substituir-se o presente ou o futuro do conjuntivo pelo pretérito imperfeito do conjuntivo sem perda de gramaticalidade, essa substituição é acompanhada por uma alteração na interpretação da frase. No caso das frases com o pretérito imperfeito do conjuntivo, o estado de coisas descrito pela oração com o conjuntivo ou é contrário aos factos conhecidos – i.e., a oração tem uma interpretação contrafactual – ou é menos provável do que o estado de coisas descrito pela oração correspondente com o presente ou o futuro do conjuntivo. Dito de outro modo, as orações com o presente ou o futuro do conjuntivo apontam para possibilidades que estão em aberto no contexto de enunciação, contrariamente às frases com o pretérito imperfeito do conjuntivo.

Em suma, com o presente do conjuntivo ou o futuro do conjuntivo consideram-se situações possíveis que se podem verificar no contexto de enunciação, enquanto que as frases com o pretérito imperfeito do conjuntivo, fora de contexto, podem ser interpretadas ou como apontando para intervalos de tempo anteriores a  $t_0$  ou como levando a um alargamento do context set (i.e., levando a considerar possibilidades menos realistas). Assim, há uma complementaridade nítida entre o presente e o futuro do conjuntivo, de um lado, e o pretérito imperfeito do conjuntivo, do outro. As primeiras formas apontam

---

*vo*, consideram-se possibilidades em aberto no momento da enunciação e a flexão do verbo da oração principal no indicativo localiza a situação nas coordenadas que incluem o mundo de avaliação ( $w_0$ ) e o tempo de enunciação ( $t_0$ ).

<sup>8</sup> Se se considerassem mundos possíveis em vez de situações possíveis (partes de mundos possíveis), esta asserção seria questionável. Um mundo possível que incluía um estado de coisas que se verifica em  $t_0$  inclui todos os tempos anteriores a  $t_0$ .

para possibilidades em aberto no contexto de enunciação e que se podem verificar nesse contexto; a última, para outras possibilidades (i.e., situações possíveis – pares ordenados de mundos possíveis e intervalos de tempo – que não incluem necessariamente o tempo de enunciação ou não pertencem ao *context set*).

## 5.2 - Oposição entre presente do conjuntivo e futuro do conjuntivo

A proposta acima apresentada permite distinguir o pretérito imperfeito do conjuntivo das duas outras formas simples do conjuntivo, mas trata uniformemente o presente e o futuro do conjuntivo. Vejamos, agora, qual a diferença que existe entre estas duas formas.

O futuro do conjuntivo ocorre num número muito limitado de tipos de construção, nomeadamente, em orações relativas com quantificador universal, em orações condicionais introduzidas pela conjunção *se* e em orações temporais introduzidas por *quando*, *enquanto* ou *assim que*. O presente do conjuntivo está excluído desses contextos (embora em relativas com quantificador universal haja alguma aceitabilidade), mas pode ocorrer noutros tipos de orações relativas, condicionais e temporais:

- (24) a. {os / todos os} carros que **estiverem** / **?estejam** estacionados nesta rua podem ser rebocados  
 b. Preciso de uma estante em que **\*couberem** / **caibam** vinte livros.
- (25) a. Se eu **encontrar** / **\*encontre** a Ana, falo-lhe do assunto.  
 b. Caso **\*encontrar** / **encontre** a Ana, eu falo-lhe do assunto.
- (26) a. Quando / enquanto **estiver** / **\*esteja** em casa deixo a luz acesa.  
 b. Assim que **sair** / **?saia** do hospital vou tomar um banho.  
 c. Logo que **\*sair** / **saia** do hospital vou tomar um banho.

Se, como propõem Kratzer e von Stechow, entre outros, for assumido que orações introduzidas por *quando*<sup>9</sup> ou pela conjunção *se* envolvem quantificação universal, como indicado em (27), torna-se evidente que o futuro do conjuntivo só pode ocorrer em restritores de quantificadores universais:

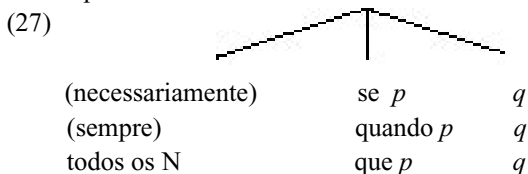


Figura 1 – Estrutura tripartida de quantificação

<sup>9</sup> Em orações como *quando cheguei, a reunião já tinha começado*, pode-se assumir que há quantificação universal sobre um conjunto singular (i.e., *quando* é equivalente, grosso modo, a *o tempo em que cheguei*). Também em orações introduzidas por *enquanto* e *assim que* se pode assumir que existirá quantificação universal, sobre intervalos de tempo.

Uma vez que as proposições denotam conjuntos de situações possíveis (cf. [A]–[C’], acima), verifica-se que o futuro do conjuntivo ocorre apenas nas proposições que são apresentadas como denotando partes de situações maiores. Por exemplo (25a) indica que todas as situações possíveis em que o enunciador encontra a Ana são parte de situações em que lhe fala do assunto, (26a) indica que todas as situações possíveis em que o enunciador está em casa são parte de situações em que deixa a luz acesa, etc. Destes contextos, fica excluído o presente do conjuntivo. Esta forma ocorrerá nas outras orações que denotem situações possíveis membros do *context set* e que incluam o tempo de enunciação.

Assim sendo, parece verificar-se uma associação entre as diferentes formas do conjuntivo e uma partição do conjunto de situações possíveis (ou possibilidades): tanto o presente como o futuro do conjuntivo apontam para possibilidades em aberto no contexto de enunciação (ou seja, apontam para o *context set*), enquanto o pretérito imperfeito aponta para outras possibilidades; o futuro do conjuntivo distingue-se do presente do conjuntivo por apontar para as situações possíveis que são apresentadas como partes de situações maiores.

### 5.3 - Leitura de posterioridade em orações temporais com conjuntivo

A análise das formas do conjuntivo proposta acima rejeita a ideia clássica de que a oposição entre elas seja (primariamente) de natureza temporal. Particularmente no que respeita ao futuro do conjuntivo, em nenhum contexto esta forma parece veicular informação temporal diferente da do presente do conjuntivo. O único caso em que o termo *futuro do conjuntivo* ganha algum sentido é quando esta forma ocorre em orações temporais, caso em que a localização temporal do estado de coisas descrito é posterior ao ponto de perspectiva temporal. No entanto, esta informação, de natureza temporal, não se deve ao futuro do conjuntivo, já que, por um lado, se observa o mesmo tipo de informação em orações temporais com o pretérito imperfeito do conjuntivo e, por outro lado, em orações condicionais ou relativas com o futuro do conjuntivo a leitura de posterioridade não é sistemática. De facto, como foi observado acima, na generalidade dos casos, independentemente da forma de conjuntivo, há leitura de sobreposição temporal ao ponto de perspectiva temporal se o predicado da oração com conjuntivo for estativo (cf. (28a-b) e (30a-b)) e leitura de posterioridade se o predicado for eventivo (cf. (29a-b) e (31a-b)):

- (28) a. Se alguém **estivesse** lá dentro, não ia conseguir sair. [sobreposição]  
 b. Se alguém **estiver** lá dentro, não vai conseguir sair. [idem]
- (29) a. Se alguém **abrisse** a porta, apanhava um susto. [posterioridade]  
 b. Se alguém **abrir** a porta, apanha um susto. [idem]
- (30) a. Com o regulamento anterior, os carros que **estivessem** estacionados aqui podiam ser rebocados. [sobreposição]  
 b. Os carros que **estiverem** estacionados aqui podem ser rebocados. [idem]

- (31) a. Com o regulamento anterior, os carros que **estacionassem** aqui podiam ser rebocados. [posterioridade]  
 b. Os carros que **estacionarem** aqui podem ser rebocados. [*idem*]  
 São excepção a esta generalização as orações temporais, em que se obtém a leitura de posterioridade mesmo com predicados estativos:
- (32) a. Podias tratar disso quando **estivesses** em Lisboa. [posterioridade]  
 b. Podias tratar disso quando **chegasses** a Lisboa. [*idem*]
- (33) a. Podes tratar disso quando **estiveres** em Lisboa. [posterioridade]  
 b. Podes tratar disso quando **chegares** a Lisboa. [*idem*]

Tentarei mostrar de seguida que esta leitura (sistemática) de posterioridade em orações temporais com conjuntivo decorre da semântica do modo conjuntivo em conjugação com a pressuposição a que estão associados conectores temporais (como *quando* ou *enquanto*).

Como é observado na literatura sobre pressuposição, um dos elementos desencadeadores de pressuposição são conectores temporais, que estão associados ao pressuposto de que a oração que introduzem é verdadeira<sup>10</sup>. Levinson (1983) ilustra este dado com o exemplo (34a), podendo verificar-se o mesmo tipo de pressuposição com outros conectores temporais, como mostram os exemplos (34b-d):

- (34) a. Before Strawson was even born, Frege noticed / didn't notice presuppositions.  
 PRESS: Strawson was born. (Levinson, 1983)
- b. a Ana {saiu / vai sair}, (mas não) quando a Maria {chegou / chegar}  
 PRESS: a Maria chegou / vai chegar.
- c. A sala fica fechada, (mas não) enquanto o congresso estiver a decorrer.  
 PRESS: está a decorrer um congresso.
- d. O presidente demitiu-se, (mas não) assim que a notícia foi publicada.  
 PRESS: foi publicada uma notícia.

Contrastando com orações temporais, os outros tipos de oração em que pode ocorrer o futuro do conjuntivo não estão associados a qualquer pressuposição. É o que ilustram os exemplos que se seguem:

- (35) Se {estiveres doente / adoeceres}, é melhor ficares em casa.  
 - / → Estás doente / Vais adoecer.
- (36) As pessoas que chegarem atrasadas devem dirigir-se à secretaria.  
 - / → Alguém vai chegar atrasado.

O primeiro exemplo mostra que uma oração condicional com conjuntivo não permite inferir que a oração condicional é verdadeira e o segundo mostra que um sintagma

<sup>10</sup> Não discutirei aqui se esta pressuposição está associada a todos os conectores temporais ou só a alguns. Todos os conectores temporais que podem introduzir uma oração com o futuro do conjuntivo têm esta pressuposição.

nominal com uma oração relativa no conjuntivo não permite inferir a existência das entidades referidas. Assim, no conjunto dos tipos de oração em que pode ocorrer o futuro do conjuntivo, observam-se dois dados que distinguem as orações temporais dos outros dois tipos: (i) em orações temporais (com conjuntivo), é disponibilizada apenas a leitura de posterioridade, contrariamente ao que se verifica em orações relativas e em orações condicionais; (ii) as orações temporais têm a pressuposição de que a oração que introduzem é verdadeira (i.e., verifica-se no mundo de avaliação, que, por defeito, é o mundo real), contrariamente às outras orações em que pode ocorrer o futuro do conjuntivo.

Creio que se pode dar conta da pressuposição a que estão associados conectores temporais se for assumido que estes operadores seleccionam uma ‘base modal histórica’, como definida por Werner (2006)<sup>11</sup>:

- (37) For any world  $w$  and time  $t$ ,  $\cap.f(w,t)$  = the set of worlds which are identical to  $w$  up through time  $t$ . (Werner, 2006)

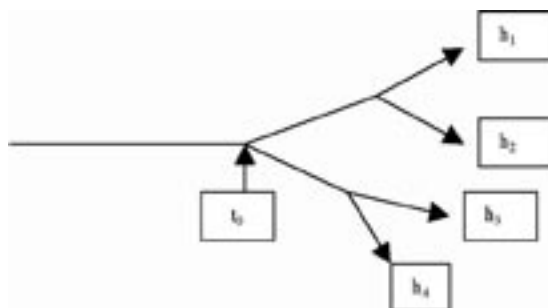


Figura 2 – Base Modal Histórica

O autor defende que alguns verbos modais do inglês seleccionam uma base modal deste tipo, dando conta da leitura temporal associada a estes verbos sem assumir a presença de algum operador temporal. Se se aceitar que também os conectores temporais (que, tal como os verbos modais, são operadores proposicionais) seleccionam uma base modal histórica, a pressuposição a que estes conectores estão associados decorre naturalmente: na interpretação da proposição, considera-se apenas o mundo real, com os seus desenvolvimentos futuros possíveis.

Tendo por base esta assunção, considere-se, agora, a condição associada ao conjuntivo de que o estado de coisas descrito não se verifique em todas as situações possíveis consideradas (cf. a assunção [C<sup>\*</sup>], acima)). O facto de a leitura de posterioridade ser sistemática em orações temporais com conjuntivo pode ser explicado por uma conjugação

<sup>11</sup> A ideia de ‘base modal histórica’, como definida por Werner (2006), aproxima-se da proposta de Dowty (1979) dos *inertia worlds*. Agradeço a Fátima Oliveira (c.p.) ter-me chamado a atenção para este ponto.

dos dois factores. Por um lado, o conector temporal desencadeia a pressuposição de que a proposição é verdadeira no mundo real (i.e., verifica-se numa parte do mundo real); por outro lado, o conjuntivo impõe a condição de que se considerem situações possíveis alternativas em que a proposição não se verifica. Assim, se o estado de coisas descrito pela oração com conjuntivo for localizado num intervalo de tempo anterior a  $t_0$ , respeita-se a condição imposta pela conjunção temporal, de que se considere apenas o mundo real, mas não a que é imposta pelo conjuntivo, de que se consideram alternativas em que o estado de coisas não se verifica, uma vez que a base modal não inclui mundos possíveis alternativos. Já se for considerado um intervalo de tempo posterior a  $t_0$ , é possível satisfazer ambas as condições. Suponhamos que o estado de coisas descrito pela oração com conjuntivo se verifica numa parte de  $h_1$  (ver figura 2, acima) posterior a  $t_0$ . A pressuposição associada à conjunção temporal fica satisfeita, uma vez que há uma parte do mundo real em que o estado de coisas se verifica. Fica também satisfeita a condição imposta pelo conjuntivo, visto que a base modal contém situações possíveis alternativas (por exemplo,  $h_2$ ) em que o estado de coisas pode não se verificar.

Em suma, se uma proposição com conjuntivo for avaliada relativamente a uma base modal histórica (como será o caso de orações temporais com conjuntivo), a única forma de satisfazer a condição associada ao conjuntivo de que se considerem mundos possíveis em que a proposição não se verifica é a de considerar possíveis desenvolvimentos futuros do mundo real. Daí a leitura de posterioridade em orações temporais com conjuntivo.

Noutras construções com o futuro do conjuntivo, a condição imposta pelo conjuntivo pode ser satisfeita sem que se tenha necessariamente em conta os possíveis desenvolvimentos futuros do mundo real, uma vez que a base modal considerada não é histórica. Por exemplo, conjunções subordinativas condicionais seleccionam uma base modal epistémica (um conjunto de mundos possíveis compatíveis com as crenças do enunciador), que inclui o mundo real e mundos alternativos. Dada uma base modal deste tipo, pode-se considerar uma parte de um mundo possível não posterior a  $t_0$  em que o estado de coisas descrito se verifica e um intervalo paralelo num outro mundo possível em que o estado de coisas não se verifica. Assim, em construções cuja interpretação seja feita relativamente a uma base modal não histórica, a leitura de “futuridade” com o futuro do conjuntivo não é obrigatória.

## 6 - Conclusão

O significado dos diferentes morfemas do conjuntivo será descrito mais satisfatoriamente se se assumir que estas formas não são tempos, ou morfemas que expressam primariamente informação temporal, mas antes operadores modais, que apontam para as situações possíveis a considerar. Todas as formas de conjuntivo terão em comum o facto de indicarem que o estado de coisas descrito não se verifica em todas as situações possíveis que são tidas em consideração para a interpretação da frase. É

isso que distingue o modo conjuntivo do modo indicativo. O pretérito imperfeito do conjuntivo distingue-se do presente e do futuro do conjuntivo por não impor as condições que estas duas últimas formas impõem: que as situações possíveis a considerar pertençam ao *context set* e incluam o tempo de enunciação. O futuro do conjuntivo distingue-se do presente do conjuntivo por fazer referência a situações possíveis apresentadas como parte de outras situações.

A análise aqui proposta permite a descrição de casos em que não há oposição temporal entre o pretérito imperfeito e outras formas do conjuntivo e dá conta do facto de não existir oposição temporal entre o presente e o futuro do conjuntivo. Finalmente, a leitura de posterioridade (obrigatoriamente) associada a orações temporais com conjuntivo decorre naturalmente da semântica do conjuntivo, se for assumido que as conjunções temporais seleccionam uma base modal histórica, o que dá conta da pressuposição a que estas orações estão associadas.

## Referências

- Ambar, Manuela (1992) *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito — Verbo em Português*. Lisboa: Colibri.
- Comrie, Bernard (1985) *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dowty, David (1979) *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: D. Reidel.
- Giannakidou, Anastasia (1999) Affective dependencies. *Linguistics and Philosophy* 22(4), pp. 367-421.
- Giorgi, Alessandra & Fabio Pianesi (1997) *Tense and Aspect*. Oxford: Oxford University Press.
- Kamp, Hans & Uwe Reyle (1993) *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht: Kluwer.
- Kratzer, Angelika (1989) An Investigation of the Lumps of thought. *Linguistics and Philosophy* 12(5), pp. 607-653.
- Kratzer, Angelika (1991) Modality. In Arnim von Stechow & D. Wunderlich (orgs.) *Semantics*. Berlin: Walter de Gruyter, pp. 639-650.
- Iatridou, Sabine (2000) The grammatical ingredients of counterfactuality. *Linguistic Inquiry* 31(1), pp. 231-270.
- Laca, Brenda (2007) Mood in Spanish, <http://hal.archivesouvertes.fr/docs/00/17/56/75/PDF/>
- Levinson, Stephen C. (1983) *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Marques, Rui (2009) On the selection of mood in complement clauses. In L. Hogeweg *et al.* (orgs.) *Proceedings of the Cross-linguistic Semantics of Tense, Aspect and Modality*, Amsterdão: John Benjamins, pp. 179-204.
- Oliveira, Fátima (2003) Modalidade e modo. In M.<sup>a</sup> Helena M. Mateus *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*, 5.<sup>a</sup> ed.. Lisboa: Caminho, pp. 243-272.



- Oliveira, Fátima (2008) Sobre os Tempos do Conjuntivo. In F. Oliveira e I. Duarte (orgs.) *Fascínio da Linguagem. Actas do Colóquio de homenagem a Fernanda Irene Fonseca*, Porto: CLUP/FLUP, pp. 109-118.
- Peres, João de Andrade (1993) Towards an Integrated View of the Expression of Time in Portuguese (First Draft). *Cadernos de Semântica* 14. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Picallo, M. Carme (1984) The Infl Node and the Null Subject Parameter. *Linguistic Inquiry* 15, pp. 75-101.
- Portner, P. (1997) The semantics of mood, complementation and conversational force, *Natural Language Semantics* 5, pp. 167-212.
- Portner, P. (2009) *Modality*, Oxford: Oxford University Press.
- Vogel, R. (1997) *Aspects of Tense*, PhD diss., The Hague: Holland Academic Graphics.